



**Entrevistador: Caio Simões de Araújo**

**EPISÓDIO 6 - NOTAS SOBRE UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO: uma conversa com Nelson Mugabe**

Hoje eu tenho prazer de receber o meu colega e amigo Nelson Mugabe. Nelson é doutor e mestre em ciências sociais pela Universidade do Estado de Rio de Janeiro (UERJ), no Brasil, ele é também graduado em antropologia pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em Moçambique. Hoje ele é professor da universidade UniRovuma, também em Moçambique. Nelson tem trabalhado nas áreas das antropologias emoções, do humor, do género e também dos movimentos sociais. Hoje em tantas coisas a gente vai falar da dissertação do doutorado dele cujo título é a *Graça da desgraça, socialidade e projecto de engajamento no universo dos LGBT em duas experiências etnográficas no sul global (Rio de Janeiro e Maputo)*.

**Nelson seja bem-vindo ao Podcast.**

Obrigado pelo convite, Caio.

**Eu é que agradeço. Nelson, vamos começar falar sobre a sua dissertação de doutorado. Como o título diz, é um trabalho comparativo, me conta um pouco sobre como foi o processo de investigação. Como é que você chegou a este projecto comparativo, entre o Rio de Janeiro e Maputo?**

Quando completei a proposta para o doutoramento, tomei a recomendação da minha orientadora, para pensar de uma maneira comparativa como é que os direitos, as formas de engajamento, a mobilização das pessoas LGBT, se dá de uma forma diferente no Rio de Janeiro e em Maputo. Foi assim que surgiu esse propósito de fazer uma análise comparativa.

### **E porquê você escolheu o Brasil?**

Primeiro porque estava a estudar lá. Mas também porque era interessante para mim, como alguém de Moçambique tomar como universo etnográfico um outro país, uma vez que os investigadores do Sul, podem ir estudar em outros países, mas poucos tomam estes países em que eles se formam como objeto de estudo. Então surgiu essa oportunidade, e eu a abracei.

### **Entendi. Nelson, um dos pontos de interesse na tese é que você reflete sobre as dificuldades que você encontrou em se inserir no campo de estudos, uma vez que você é um investigador que se heterossexual. Me conta um pouco como é que foi esse processo.**

Em primeiro lugar tenho que dizer que a categoria “heterossexual” surge por causa das convecções sociais. Como é preciso que uma investigador se posicione, eu adotei esse posicionamento como heterossexual, mas não acredito nas representações que essa palavra carrega. Pois é uma palavra com uma dada história, e ela é construída socialmente. No contexto moçambicano, havia uma certa desconfiança dessa minha categoria, e muitos interlocutores acreditavam que era um escuso que eu usava para não me assumir. No Rio de Janeiro, não foi bem isso que aconteceu. No Brasil, estava em pauta a questão do chamado “lugar de fala”, em que movimentos sociais tendiam a se concentrar em uma política de identidade que enfatiza as pessoas que são iguais. Quando eu revelei a minha orientação sexual, as pessoas me disseram que aquele não era o meu “lugar de fala”. No contexto brasileiro, há esse receita por parte dos interlocutores que eu encontrei, que não aceitavam ser estudados por pessoas estranhas à sua própria identidade. Então essa foi uma grande diferença.

### **Sim. E o que eu acho interessante é que você toma essa recusa das pessoas, e essa dificuldade que você sentiu em entrar no campo, como uma posição criativa, não é?**

Sim, é uma posição criativa. Eu acho que isso não pode incomodar os pesquisadores. Nós temos é que entender por que as pessoas dizem isso. No Rio de Janeiro, cheguei em um momento histórico em que estas questões são levantadas não apenas na academia. Os próprios sujeitos LGBT já falam, já escrevem, e querem representar a si próprios. E essa é uma forma de garantir protagonismo para essas pessoas, para que falem sobre as suas experiências em primeira mão. Só que na antropologia nós sempre fomos ensinados que a ideia é decifrar “o outro”. Esta forma de fazer ciência tem que ser recusada porque cometeu muitos erros no passado, representando mal os índios, os negros. É muito bom as pessoas falarem por si.

**E nesse contexto político, como é que você vê a categoria de “aliado” LGBT?**

No Brasil, há um certo rechaçamento dessa categoria. Em Moçambique, ainda é muito importante para a comunidade LGBT ter pessoas aliadas, nesse caso pessoas heterossexuais que entendem as pautas do próprio movimento LGBT, e que possam ajudar na implementação da mudança. Então, para mim a pessoa aliada seria aquela que busca apaziguar, busca criar empatia para que as pessoas tenham uma maior sensibilidade para entender as experiências e as urgências das pessoas LGBT.

**Bom, outro ponto de bastante interesse na tese é o seu recorte. Você escolhe esse recorte que se foca no humor e no riso. Me conta um pouco como é que você chegou a esse recorte.**

Quem me incentivou a estudar a brincadeira no universo LGBT, foi um antropólogo moçambicano chamado Euclides Goncalves. Ele sugeriu que eu pensasse nas brincadeiras que as pessoas LGBT aqui em Moçambique fazem entre si. A partir dessa proposta andei a ler mais sobre essa categoria de brincadeira e relações jocosas na antropologia. Ao longo das minhas pesquisas, identifiquei que existe uma falta de estudos que vão relacionem humor e sexualidade. Então eu senti a necessidade de pensar o humor: como é que pessoas LGBT, principalmente as pessoas trans, usam ou acionam o humor em suas relações sociais. O que esse humor trans tem em termos de crítica, em termos de moralidade? Qual é o papel desse humor na convivência ou sociabilidade das pessoas LGBT. Essa lente do humor nos permite desvendar questões que tem a ver com emoções, com direitos, com os tipos de engajamento que as pessoas valorizam em um dado contexto cultural.

**Pegando nessa questão, na tese você fala de vários aspetos sociais do humor, dentre os quais a jocosidade enquanto crítica. Como é que nós podemos ver o humor como uma crítica?**

Nos estudos se tem enfatizado que o humor pode ser um veículo importante para mobilizar críticas, principalmente no humor político. Eu incorporei essa análise para mostrar como é que as pessoas LGBT utilizam o humor para criticar aquelas pessoas que fogem das normas, ou que fogem daquilo que a comunidade, neste caso a comunidade trans, valoriza em suas relações sociais. Por exemplo, as manas trans usam o humor para chamar a atenção umas às outras, ou ainda para expressar certas queixas. Ao usarem o humor, a crítica é suavizada, e uma pessoa consegue passar uma mensagem que não será necessariamente recebida como uma ofensa, dependendo do contexto em que a pessoa estiver.

**Nelson, agora mesmo você usou esse termo manas trans. É interessante porque a gente sabe que recentemente tem havido em várias partes do mundo um certo movimento de recusa do vocabulário LGBT ocidental. Acadêmicos e ativistas no Sul Global tem tentado buscar um vocabulário local, e é neste sentido que você usa o termo manas trans. Me conta um pouco mais sobre a origem do termo.**

Eu cunho esse termo como um termo provisório. Eu não acho que a gente possa descartar todas as categorias ocidentais. O que é mais rentável do ponto de vista antropológico é pensarmos como as categorias ocidentais podem viajar, uma vez que vivemos num mundo globalizado. E também não devemos pensar que as pessoas LGBT do Sul não tem a capacidade de apropriar ou resignificar as categorias ocidentais. No meu caso, o que eu interroguei era como as pessoas trans aprenderam as categorias que usam para se nomear. Então neste processo eu descobri que as categorias ocidentais, por exemplo mulheres trans, transexual, transgênero, travestis, esses termos foram sendo ensinados ao longo do tempo. Não são categorias dadas *a priori*. No contexto moçambicano, é com a criação da LAMBDA, enquanto um movimento social organizado, que se vai começar a institucionalizar os termos adequados para chamar as pessoas que são dissidentes sexuais e de gênero. No caso das minhas interlocutoras, foi através do contato com o movimento que elas começaram a aprender a categoria “mulheres trans”. Eu procurei uma categoria que elas usam para se chamar entre si. Aqui a categoria *mana* engloba pessoas que tem desejos sexuais com pessoas do mesmo sexo, mas que estejam associadas a uma certa feminilidade. Juntei a categoria *mana* com a expressão *trans*, para mostrar a dissidência destas pessoas em relação às normas sociais de gênero e sexualidade. Eu uso este termo para não essencializar as minhas interlocutoras, mas ao mesmo tempo mostrar que aqui em Moçambique a questão da nomenclatura está a ser dada agora.

**Entendi. Falando agora sobre o título da tese “a graça da desgraça”, que é um título bastante interessante porque a expressão é quase um oxímoro, não é? O que você quis capturar com esse título?**

Eu digo a “graça da desgraça” porque as manas trans tem uma capacidade extraordinária de abraçar o estigma, de conseguir neutralizar este estigma ou a dor através do riso. Durante a minha pesquisa, eu comecei a perceber as manas trans riam-se de coisas tristes que aconteciam com elas. Era como uma estratégia que elas usavam para se manterem vivas, porque se interiorizassem o preconceito, as risadas que sofrem nas ruas, elas não conseguiriam sair no dia seguinte. Como uma mana disse: as discriminações que a gente sofre, passou a ser uma música para nós, porque se não fosse música, a gente nem sairia de casa no dia seguinte.

**Então neste caso você acha que o riso pode ser uma forma de empoderamento?**

Sim, é uma estratégia de empoderamento e de solidariedade. Mas também, ao mesmo tempo, pode ser uma estratégia de sobrevivência. O que observei é que muitas vezes em contextos públicos, as manas trans usam a jocosidade, o humor, para passarem despercebidas em situações nas quais elas poderiam vir a sofrer expressões de transfobia. Nestes casos elas podem usar o humor para entreter as pessoas e de certa forma escaparem de serem discriminadas.

**Nelson, como investigador moçambicano que tem trabalhado nessa área de estudos de gênero e sexualidade por algum tempo, como é que você vê o futuro dessa área, sobretudo a área de estudos trans em Moçambique?**

Ainda não existe um campo de estudo trans em Moçambique, existe um vazio. O que predomina na área de estudos de sexualidade é, digamos, estudos gays e lésbicos, ou da sexualidade normativa em geral. A minha tese tenta preencher esse vazio, mas em termos da produção científica existente, arrisco a dizer que não é um campo dado.

**É um campo em construção?**

Exatamente.

**E quais são os seus maiores desafios para consolidação desse campo de estudos?**

São muitos, porque temos que pensar que aqui há uma valorização de estudos que tem um impacto imediato na vida das pessoas. A pesquisa que serve para produzir conhecimento é muita das vezes desvalorizada. Há uma expectativa que o trabalho científico gere retorno, seja para as pessoas que são estudadas, seja para o país em si. Então há uma ênfase geral para pesquisas que tem a ver com a educação, com a saúde... Questões LGBT são muitas vezes vistas como irrelevantes do ponto de vista do desenvolvimento do país. Mesmo existindo essa tendência, alunos, principalmente alunos de graduação, tem se interessado e estudado essas questões.

**Bom, Nelson muito obrigado por ter participado do podcast. Eu espero que a sua tese acabe por inspirar outros investigadores e estudantes a trabalhar nestas áreas.**

Obrigado, espero que assim seja. A ideia é essa abrir portas, espero que a minha pesquisa não feche caminhos novos, mas quanto mais ela puder abrir, é mais produtivo e contribuímos mais para esse campo de estudos.

**Obrigado Nelson.**